

10-2006

A internacionalidade, o novo rosto dos Institutos Missionários

Robert Scheretter

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Scheretter, R. (2006). A internacionalidade, o novo rosto dos Institutos Missionários. *Missão Espiritana*, 9 (9). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol9/iss9/4>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

a internacionalidade, o novo rosto dos institutos missionários

Robert Schereiter

Os institutos missionários vivem actualmente uma mudança espectacular no seu recrutamento. Os candidatos que desejam entrar em institutos fundados na Europa ou na América do Norte são em boa parte originários de outros continentes. A África, a Índia, a Indonésia, as Filipinas representam a maioria dos candidatos e dos membros mais jovens de muitos institutos. Estes países que ainda há pouco tempo eram considerados países de missão, são actualmente a fonte da missão.

Este afluxo de novos missionários provenientes do Sul, deve, bem entendido ser acolhido com alegria. Ele significa claramente que as Igrejas destes países participam plenamente na comunhão das Igrejas que é a Igreja católica. Mas este forte sinal teológico não deixa de lançar alguns desafios práticos aos institutos. Os recursos humanos vêm do Sul, mas os recursos financeiros que permitem o trabalho missionário continuam a ser do Norte. Muitas vezes também o poder continua no Norte quando a verdade é que nestes países a média da idade é de 65 a 70 ou mais anos.

Esta separação entre o poder e as finanças de um lado e o pessoal do outro, é por si mesmo fonte de conflito, que os capítulos gerais e as reuniões internacionais acusam. A formação dos novos membros, a afectação do pessoal jovem e a política missionária global são forte-

“Os recursos humanos vêm do Sul, mas os recursos financeiros que permitem o trabalho missionário continuam a ser do Norte.”

“Esta separação entre o poder e as finanças de um lado e o pessoal do outro, é por si mesmo fonte de conflito”

mente coloridos pelas perspectivas que diferem segundo as áreas geográficas. Bem entendido, nem no Norte nem no Sul o pensamento é monolítico, mas há um conjunto de constantes que emergem em muitos institutos. De muitas maneiras, esta situação reflecte a divisão norte/sul da sociedade global, mas a diferença das gerações é mais marcante nos institutos missionários. Que é que esta situação da vida dos institutos missionários faz prever nos próximos decénios? E como fazer face a esse desafio?

Os problemas são verdadeiramente complexos. Mas não podemos deixar o tempo correr sem reflectir sobre ele e tirar daí as consequências. Este artigo propõe-se considerar alguns aspectos da situação e sugerir algumas primeiras pistas de solução.. Começarei por uma reflexão sobre um certo número de elementos que explicam de alguma maneira o contexto do problema, para depois mostrar como três dimensões da vida contemporânea podem ter influência sobre a própria compreensão do carisma de um intitulo. Espero assim esclarecer um pouco a direcção a tomar no imediato.

A situação actual

“Quando trabalho com os institutos missionários nas reuniões internacionais, faço muitas vezes a seguinte pergunta: “Qual é o maior desafio para um Instituto nos próximos anos?”

Quando trabalho com os institutos missionários nas reuniões internacionais, faço muitas vezes a seguinte pergunta: “Qual é o maior desafio para um Instituto nos próximos anos?” A resposta é quase sempre a mesma. Para os Europeus é: “Transmitir o carisma do fundador (ou fundadora) aos novos membros que entram no Instituto”. Para os que vêm de outros continentes, a resposta é: “Uma melhor comunicação entre as culturas ou uma maior interculturação do carisma nas novas situações”.

Esta resposta anedótica é confirmada por estudos mais científicos. Que significam estas respostas? Ao ouvi-las cada vez com mais frequência, delas emergem certas constantes. Para os europeus o que parece estar subentendido nestas repostas é o receio de ver a identidade do Instituto mudar, pois que poucos dos novos membros parecem conhecer ou compreender o carisma no seu pano de

fundo na Europa. Em consequência, temem pela identidade do instituto. Do lado dos jovens provenientes do Sul, há também uma preocupação pela identidade, isto é: os seus irmãos ou irmãs da Europa não compreendem os esforços que eles fazem para inculcar o carisma na sua situação própria. Eles desconfiam que os Europeus querem fazer deles réplicas deles mesmos, sem lhes deixar a latitude necessária para a nova compreensão do carisma.

Trata-se aqui de mais que um simples problema de comunicação. Encontramo-nos claramente diante de uma questão nitidamente sobre a identidade e sobre as suas fontes. Como captar melhor o que se passa? A minha proposta é que abordemos esta questão, procurando iluminá-la à luz de três noções: o carácter étnico, a modernidade e a cidadania.

O carácter étnico

A oposição entre Norte e Sul é particularmente grave nos institutos que até aqui tinham uma identidade étnica clara. É o caso das sociedades missionárias nacionais fundadas o século XIX ou princípios do século XX. A identidade enraizava-se não só no carisma mas também na origem étnica da maior parte dos membros, que eram Irlandeses, Franceses, Belgas, Italianos, Portugueses ou outros. A maneira como os grupos étnicos se consideravam nos seus países ou em relação com outros países, modelou a sua identidade mais do que à primeira vista podia parecer. A dinâmica das reuniões, a elaboração das políticas da formação, a relação com o dinheiro, a própria noção de missão são afectadas pela maneira como estas ideias são vividas no país de origem do instituto. Mesmo se ele foi fundado com o fim de trabalhar num espaço bem preciso (por exemplo a África ou a China) as origens do Instituto são evidentes, "A herança" ou o "património" não se compõem só da visão teológica e missiológica que está presente na fundação. Há também misturada uma componente étnica.

Isto manifesta-se de muitas maneiras. Uma vez que

"Encontramo-nos claramente diante de uma questão nitidamente sobre a identidade e sobre as suas fontes."

"A oposição entre Norte e Sul é particularmente grave nos institutos que até aqui tinham uma identidade étnica clara."

"A herança" ou o "património" não se compõem só da visão teológica e missiológica que está presente na fundação. Há também misturada uma componente étnica."

muitos institutos foram fundados no período colonial, a sua atitude para com o Sul reflecte ainda esse espírito? A questão põe-se sobretudo para os países que foram potências coloniais (Bélgica, Holanda, França, Portugal, Itália) mas pode também põe-se para aqueles países que foram colonizados (como a Irlanda,). Os modelos de relação de hoje são os reflexos dos modelos coloniais do passado? Por exemplo, o método da colonização inglesa foi educar as elites nas grandes universidades inglesas, tornando-as assim capazes de reproduzir este meio social quando regressassem ao seu país. Os Franceses preocuparam-se mais em criar uma certa mentalidade na elite colonial procurando-a tornar francesa. Os Belgas e os Italianos pouco se preocuparam em formar elites coloniais, preferindo exercer um controle mais directo. Em qual destes modelos se encontram na maneira como preparamos os responsáveis das novas fundações?

“Os modelos coloniais podem sobreviver mesmo depois da colonização ter terminado há muito tempo.”

E os próprios países colonizados ou privados de autonomia na Europa (como a Irlanda ou a Polónia) repetem eles as suas próprias histórias coloniais tratando as gentes do Sul como eles próprios foram tratados pelos do Norte? Os modelos coloniais podem sobreviver mesmo depois da colonização ter terminado há muito tempo.

“O conceito de cultura não foi realmente posto em evidência na Igreja a não ser depois do Vaticano II.”

Em seguida, é preciso perguntar até que ponto a noção de cultura penetrou na consciência dos Institutos religiosos. O conceito de cultura não foi realmente posto em evidência na Igreja a não ser depois do Vaticano II. E este assentimento tem sido sobretudo formal ou limitado às coisas externas. Nestes Institutos (e não somente aneles) a cultura parece não se aplicar a não ser ao que é evidentemente diferente “lá bas”, ou seja, no Sul. O conceito raramente é utilizado quando nos referimos ao país de origem. De resto, ele não é considerado como um factor importante para a formulação das políticas ou a conduta do trabalho no Instituto.

“A perda do carácter largamente étnico de um Instituto pode traduzir-se pela perda do seu carisma ou da sua identidade.”

Enfim, tudo o que acaba de ser dito mostra claramente que a perda do carácter largamente étnico de um Instituto pode traduzir-se pela perda do seu carisma ou da sua identidade. Se a sua história está de tal maneira ligada

a uma cultura particular e se não se reflectiu nesta situação, a perda da identidade étnica significará a perda da identidade do próprio Instituto. Talvez que modelos inconscientes de colonialismo continuem em vigor ou mesmo se acentuem para tentar manter esta identidade.

A modernidade

Um dos maiores desafios para a missão (e a bem dizer para toda a Igreja) na segunda metade do século XX foi a tentativa de se situar face à modernidade. Desde o século XIX que a Igreja tinha tomado uma posição mais negativa que positiva, no que à modernidade se referia. Os Institutos missionários esforçaram-se por inverter esta política e de se situar mais positivamente face a esta facto social que é a modernidade.

Ao nível internacional, o que parece emergir no dealbar do século XXI é a aceitação total da modernidade. As políticas da formação abandonaram os seus métodos demasiado colectivistas para reflectir a vida de uma sociedade individualista. Dá-se mais valor á iniciativa que as atitudes conformistas. Os modelos de autoridade, de tomada de decisões, da prática do voto de obediência cederam o seu lugar a procedimentos mais democráticos e reconheceram a importância da pessoa como tal. Esta maneira de fazer levou por vezes a conflitos com a Igreja hierárquica, sempre muito prudente quando se trata de modernidade e teve duas consequências importantes para os conflitos entre o Norte e o Sul.

Primeiro, este processo de modernização propagou-se rapidamente no Sul. Inaugurado pela colonização que tinha procurado ajudar os países "atrasados" a alcançar os mais "avançados" (ou seja os do Norte). Este processo foi acentuado pela mundialização da economia e dos meios de comunicação que perturba as sociedades tradicionais. Com certeza que esta modernização é um fenómeno complexo e não se produz por toda a parte ao mesmo ritmo. Mas as lutas contra esta modernização, postas em vidência pelas propostas anti-mundialistas de Seattle, Genes, Porto

“Um dos maiores desafios para a missão (e a bem dizer para toda a Igreja) na segunda metade do século XX foi a tentativa de se situar face à modernidade.”

“Este processo foi acentuado pela mundialização da economia e dos meios de comunicação que perturba as sociedades tradicionais.”

Alegre, tiveram profundas repercussões nos Institutos religiosos mesmo se nem sempre se pensa nisso. Para participar plenamente no poder, deve o Sul obrigatoriamente tornar-se como Norte, como a Europa ou os Estados Unidos? A modernização criada pelas diferenças de classes: os candidatos (as) recrutados (as) entre os pobres recebem uma educação que faz deles membros da classe média e em seguida são enviados a identificarem-se de novo com os pobres. A modernização à maneira da do Norte será ela necessária para participar plenamente na vida de um Instituto? Tendo em conta que os programas de formação se apoiam em estilos de modernidade (testes psicológicos, aconselhamentos, etc) e tendem a formar uma identidade social individualista, como respeitar o trabalho nas culturas largamente colectivistas?

Mais ainda, quando os Institutos estão ainda na fase da modernização e-los que se encontram a contarem com a pós-modernidade. Este termo encontra uma grande variedade de respostas às insuficiências da modernidade, como sejam os fundamentalismos à direita ou nitidamente à esquerda. Há actualmente uma tensão entre as gerações. A que está actualmente em posição de autoridade é tipicamente a que deu o passo entre as situações pré e pós Vaticano II. Muitas vezes ela recebeu a sua formação durante esta época de transição turbulenta. O concílio hoje está abertamente distante de nós e são outras experiências da Igreja e do mundo que modelaram os candidatos que chegam hoje tanto ao Norte como ao Sul. Em muitos lugares, especialmente nos meios rurais ou nos subúrbios pobres das cidades, as pessoas vivem "tempos misturados", uma espécie de mistura da pré-modernidade, da modernidade e da pós-modernidade tudo ao mesmo tempo. As cidades multiculturais tornaram-se o principal espaço da missão e já não o mundo rural. Como é que os responsáveis dos Institutos missionários estão preparados para afrontar os múltiplos desafios que lhes lança este mundo novo?

As diferenças de idade nos Institutos geram uma tensão entre uma geração que trabalhou duramente para

“Há actualmente uma tensão entre as gerações.”

fazer dialogar o Instituto com a modernidade e uma outra que teve a intuição, sem talvez se dar conta disso conscientemente, dos estilos turbulentos da pós-modernidade. Falar em termos de realidades pré ou pós conciliares não se dá conta deste estado de coisas. A experiência dos mais jovens, cuja sensibilidade está de acordo com estes "tempos misturados" em que vivemos, põe em questão a maneira como os responsáveis actuais se habituaram a gerir os assuntos.

A cidadania

Um domínio novo e importante se abre hoje nos estudos da migração: a cidadania. Onde se situa a nossa pertença neste mundo de migrantes, de refugiados, nas sociedades multiculturais nascidas da mundialização? Este trabalho quase não tem sido aplicado à vida dos Institutos missionários mas pode ajudar-nos a pôr questões importantes. Será preciso tornar-se Francês, Irlandês, Holandês ou Português para ser um verdadeiro membro de tal ou tal Instituto? Que respeito particular é devido num Instituto internacional ao país donde partiram os primeiros missionários? Pertencer a um instituto, que é que isso significa? Que identidade se partilha? Grandes Institutos, que existem há muito tempo podem falar de uma unidade transnacional, como os Franciscanos ou os Dominicanos. Mas isso é mais difícil para os pequenos institutos mais recentes. É nesta pertença que se encontra a identidade e é este um dos motivos de desacordo.

Nas situações de multiculturalidade as políticas que buscam a unidade e assimilação porão o centro naquilo que os diversos grupos são em comum. Pelo contrário, as políticas que reflectem mais facilmente a diversidade dos grupos, afirmarão que são as diferenças a fonte principal da identidade do grupo. O que se tem em comum dizem os defensores das diferenças são tanto noções muito abstractas (por exemplo o carisma sem referência ao contexto) como as características próprias do grupo no poder. As diferenças ao contrário são concretas e particulares. Elas

“Será preciso tornar-se Francês, Irlandês, Holandês ou Português para ser um verdadeiro membro de tal ou tal Instituto?”

não se deixam facialmente classificar entre as coisas abstratas possuídas em comum. Contudo, não falar delas é tornar estes grupos "diferentes" invisíveis para o resto do Instituto. Se este encontrar o meio de reconhecer e incluir estas diferenças como fazendo parte da sua identidade, ele ficará monocultural tanto nas suas políticas de formação e de governo como na sua visão geral.

Consequências

Em que é que esta análise pode ajudar a negociar os conflitos que afectam todos os Institutos «missionários, mais especialmente os que começaram como entidades nacionais? Lembrarei brevemente três domínios: no conceito de missão, na formação e na maneira de governar.

A noção de missão. Os Institutos devem ser capazes de trabalhar em toda a espécie de situações, nestes "tempos misturados" onde se situa o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno. Será preciso examinar se a nossa abordagem actual, decididamente moderna, nos impede de ver o que se procura do lado pós-moderno. Compete aos missionários construir a ponte entre estes domínios.

"Será preciso examinar se a nossa abordagem actual, decididamente moderna, nos impede de ver o que se procura do lado pós-moderno."

Formação. A maior parte das políticas da formação foram elaboradas sobre pressupostos modernos, na fidelidade ao Vaticano II, que pediu para saber ler os sinais dos tempos (então decididamente modernos) e de reencontrar o carisma do fundador. Quarenta anos depois do concílio e vinte e cinco anos de pesquisa sobre o que é a missão, precisamos de rever estas políticas, Não estão elas de fato guiadas por critérios não formulados mas em conformidade com as culturas modernas do país de origem? A que devemos hoje fazer face se queremos tomar em consideração as realidades pós-modernas e melhorar a comunicação entre as culturas?

"A que devemos hoje fazer face se queremos tomar em consideração as realidades pós-modernas e melhorar a comunicação entre as culturas?"

O Governo. O estilo das reuniões e a prática da autoridade deverão também ser reexaminados. Muitos dos institutos missionários têm formas de governo muito centralizadas. A complexidade do mundo e a regionalização nascidas da mundialização das comunicações fazem apelo

sem dúvida a estilos mais descentralizados. É importante neste domínio dar autonomia suficiente para que o carisma se possa inculturar em países que não são os países das suas origens. A preocupação pela unidade deve continuar, mas não a da uniformidade. A descentralização das comunicações levará a mais encontros regionais (os superiores maiores já se deram conta disso) mas eles devem ser acompanhados de uma aprendizagem do saber fazer comunicacional, para poder articular as novas realidades com que somos confrontados e fazê-las atravessar as fronteiras culturais. Um dos problemas mais delicados é o da manutenção das estruturas financeiras.

Estes desafios não são exclusivos dos Institutos missionários. Mas, tentando fazer-lhes face para poder trabalhar de uma maneira eficaz na evangelização, estes Institutos podem traçar caminhos por onde outros organismos internacionais aprenderão a viver e a desenvolver-se na unidade e na diferença.

“É importante neste domínio dar autonomia suficiente para que o carisma se possa inculturar em países que não são os países das suas origens.”

“Um dos problemas mais delicados é o da manutenção das estruturas financeiras.”

